



# Opinião Econômica

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e sócio da consultoria Reliance, É doutor em economia pela USP

banrisul

## Gestão influencia na produtividade?

### Má alocação do capital e do trabalho torna países menos produtivos

Na semana passada, argumentei, com base nos melhores estudos empíricos da última década e meia, que 50% da diferença de produtividade do trabalho entre o Brasil e os países ricos se deve às habilidades embutidas no trabalhador. Os 50% restantes resultam do entorno. Os estudos mediram o ganho de renda de trabalhadores ao imigrar para os EUA. Se o entorno tem peso relevante, o ganho de renda será maior. A leitora Tattiana Salles argumentou que pode haver viés de seleção. Quem imigra tem habilidades socioemocionais melhores, fato amplamente descrito pela literatura.

Os estudos contornam essa crítica pois medem o ganho de

salário ao imigrar de uma mesma pessoa. A pessoa é observada anos antes de imigrar e anos em seguida à imigração. Tempo longo o suficiente para permitir a plena aclimação à nova sociedade.

Há uma dificuldade. É possível que, ao imigrar, haja deterioração ou perda de suas habilidades. Que as habilidades não sejam perfeitamente transferíveis de um mercado de trabalho para o outro. Esse fato, que deve ocorrer, subestima o impacto do entorno na determinação da diferença de renda entre as economias.

Os autores controlam pela perda de habilidades decorrente da imigração. É possível saber a

ocupação da pessoa. Adicionalmente, eles sabem se o imigrante tem inglês como língua materna ou não. Finalmente, há pessoas que imigram já tendo uma oferta de emprego. Considerando todos os ajustes para esses diversos casos de diferentes graus de perda de habilidade ao imigrar, eles chegam a um impacto das habilidades embutidas que varia de 45% até 59%. Ou seja, 50% parece ser uma boa estimativa dos efeitos dos fatores embutidos sobre a produtividade do trabalho. Resenha recente encontra-se em [shorturl.at/u8fXu](https://shorturl.at/u8fXu).

Muitos leitores lembraram que, nos EUA, os trabalhadores têm uma quantidade maior de capital físico à sua disposição.

É fato. No entanto, em razão da mobilidade internacional do capital, não há diferenças importantes de rendimento do capital entre países. Ou seja, o menor estoque de capital por trabalhadores em um país resulta do fato de a produtividade sistêmica e a dotação de capital humano serem menores. Evidentemente, essa conclusão não se aplica ao capital público, principalmente em mobilidade urbana, no qual o retorno social é muito maior do que o retorno privado.

Nos últimos 20 anos, a literatura tem mostrado que parcela importante dos 50% que são devidos ao entorno deve-se a instituições que estimulam a má alocação do capital e do trabalho. Regras tributárias e trabalhistas subsidiam, nos países de menor produtividade, empresas ineficientes, em geral pequenas, estimulando alocação ruim dos fato-

res de produção.

Leitores argumentaram que faltou na coluna da semana passada análise das diferenças de gestão. Será que parte da produtividade não se deve ao fato de os gestores brasileiros, na média, serem piores? Há uma literatura recente, sob a liderança do professor de Stanford Nicholas Bloom, que tem documentado que de fato há diferenças sistêmicas da qualidade de gestão. A gestão das empresas nos países de menor produtividade é pior. Os motivos ainda não estão claros, e é possível que a má alocação tratada no parágrafo anterior explique parcela do fenômeno.

Nesta e na coluna anterior, apresentei o que se sabe dos motivos que explicam a baixa produtividade nos países mais pobres. Desde o artigo clássico de 1999 de Robert Hall e Charles Jones, muito aprendemos.



**banriway**

A vida financeira do seu filho começa aqui.

A nova conta para crianças e adolescentes do Banrisul.

Para eles terem **mais autonomia e segurança.**



[www.banrisul.com.br/banriway](http://www.banrisul.com.br/banriway)

## Em meio à pressão europeia, Angus lança encontro mundial no Brasil em 2027

**AGRONEGÓCIO**

Claudio Medaglia  
claudiom@jcrs.com.br

Em meio ao endurecimento das exigências da União Europeia (UE) para a carne brasileira, a Associação Brasileira de Angus lançou ontem, em Porto Alegre, o Secretariado Mundial Angus 2027. Considerado o principal encontro global da raça, o evento reunirá delegações de 27 países e será uti-

lizado pelo setor como vitrine internacional da pecuária brasileira e da produção nacional de carne de qualidade.

O lançamento ocorreu no mesmo dia em que os europeus anunciaram novas regras relacionadas ao uso de antimicrobianos na produção animal. As exigências podem restringir, a partir de setembro, a entrada de produtos de origem animal de países que não comprovarem conformidade com os protocolos sanitários europeus. O tema permeou parte das discus-

sões durante a coletiva de apresentação do evento.

Pela primeira vez no Brasil, o Secretariado Mundial Angus ocorrerá entre os dias 8 e 19 de maio de 2027 e percorrerá propriedades rurais, frigoríficos e centros de pesquisa em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul. A proposta da associação é mostrar aos visitantes internacionais toda a cadeia da carne premium produzida no País, da genética ao produto final.

A programação inclui visitas técnicas propriedades de referência na produção de bovinos da raça nos quatro estados e à Embrapa Pecuária Sul, em Bagé; além de conferências internacionais em Gramado e uma grande exposição da raça durante a Fenasul Expoleite, em Esteio.

Entre os temas que serão apresentados às delegações estrangeiras estão pesquisas envolvendo adaptação da raça Angus ao ambiente tropical, resistência ao carrapato, eficiência alimentar, emissão de metano, genética e qualidade da carne. A conferência

internacional terá como palestrante principal o pesquisador Evaristo de Miranda, da Embrapa Territorial, que abordará o uso da terra e a sustentabilidade na agropecuária brasileira.

O presidente da Associação Brasileira de Angus, José Paulo Dornelles Cairoli, afirmou que o encontro será uma oportunidade para o Brasil apresentar ao mundo o modelo nacional de produção pecuária em um momento de aumento das disputas comerciais e sanitárias internacionais.

Segundo ele, o País vive uma “disputa de narrativas” no mercado global da carne e o Secretariado permitirá mostrar a realidade da produção brasileira, especialmente em relação à sustentabilidade e à capacidade de produzir carne de qualidade em ambiente tropical. “O único país tropical que tem a raça Angus somos nós”, afirmou.

O diretor executivo da associação, Mateus Pivato, destacou que o Brasil atravessa um momento considerado estratégico para ampliar sua presença internacional no mercado de carne premium,

diante da redução dos rebanhos bovinos em concorrentes como Estados Unidos, Austrália, Argentina e Uruguai. “Nós estamos em uma conjuntura global extremamente interessante”, disse.

Segundo ele, o Brasil deixou de ser visto apenas como fornecedor de commodity e passou a ganhar espaço também no segmento de carne de qualidade. Pivato ressaltou que o secretariado servirá justamente para consolidar essa imagem perante compradores, técnicos e associações internacionais. Em 2025, o programa Carne Angus Certificada exportou para 35 destinos e registrou crescimento de 260% nos embarques internacionais. A associação também informou que a comercialização de sêmen Angus cresceu 31% entre 2024 e 2025, enquanto o mercado brasileiro avançou 8% no período.

Cairoli afirmou que a raça Angus responde atualmente por cerca de 85% do mercado brasileiro de sêmen de raças taurinas, consolidando-se como principal genética utilizada no cruzamento industrial.



Evento visa consolidar País no ramo de carne de qualidade, diz Pivato